



Soprinho

O segredo do bosque encantado

Fernanda Lopes de Almeida

Ilustrações de Odilon Moraes





Soprinho – o segredo do bosque encantado
© Fernanda Lopes de Almeida, 1971

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Claudia Morales
Editor-assistente	Fabricio Waltrick
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista

ARTE	
Projeto gráfico	Kátia Terasaka
Editora	Suzana Laub
Editor-assistente	Antonio Paulos
Assistente de ilustração	Santana
Edição eletrônica	Studio 3 Desenvolvimento Editorial / Eduardo Rodrigues

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A446s
20.ed.

Almeida, Fernanda Lopes de
Soprinho : o segredo do bosque encantado / Fernanda Lopes de Almeida ; ilustração Odilon Moraes. - 20.ed. - São Paulo : Ática, 2007.
il. - (Coleção Fernanda Lopes de Almeida)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-10839-8

I. Bem e mal - Literatura infantojuvenil. 2. Harmonia - Literatura infantojuvenil. I. Moraes, Odilon, 1966-. II. Título.
III. Série.

06-4012. CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10839-8 (aluno)
ISBN 978 85 08 10840-4 (professor)
Código da obra CL 735844
CAE: 210457 - AL

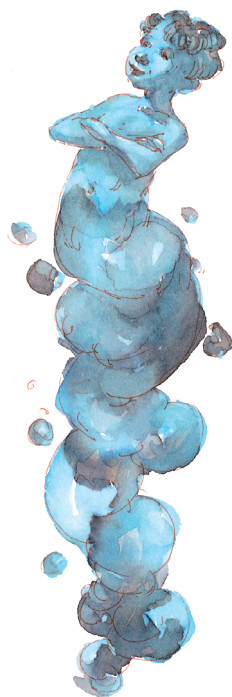
2015
20ª edição
Revista pela autora
8ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



- Prêmio Jabuti – Melhor Livro Infantil, 1971.
- Selecionado para o acervo permanente da Biblioteca Internacional para a Juventude.



Aos meus sobrinhos,

Sandra

Rosana

Eduardo

Cláudio

Leandro

Fausto

Pérola

Jun

Guaraci

Mariana

Flora

Thiago

Clara



Sumário



Soprinho	• 9
A porta encantada	• 13
Primeira noite no Bosque	• 19
Novos amigos no Reino Maravilhoso	• 23
A descoberta de Luisinho	• 29
A ideia de Sementinha	• 34
O baile	• 38
Flor de Abóbora, Dona Aranha e a Borboleta Azul	• 43
Meio-dia no Bosque	• 49
A aula das fadas	• 53
Uma visita durante a noite	• 57
A chuva	• 63
A casa mágica	• 68
Manhã de primavera	• 74
A velha árvore frondosa	• 80
A tempestade	• 85
O caminho novo	• 91
A luta	• 96
A Bruxa	• 102
A caverna	• 106
As surpresas	• 114
A volta	• 121



Soprinho



Naquela linda tarde de verão uma fumaça azulada entrou no jardim.

– Ué! – pensou uma senhora que fazia tricô, perto da janela. – Que fumaça esquisita! Parece até que anda sozinha.

E andava mesmo. Se a senhora tivesse reparado melhor, veria que a fumaça era um menino, de cara muito esperta.

Mas ela não acreditava em encantamentos, de modo que não podia acreditar num menino feito de fumaça.

Não há nada que irrite tanto as criaturas do reino encantado quanto saber que alguém não acredita nelas. Muito aborrecido, o menino dirigiu-se para os fundos da casa e entrou numa grande varanda.

Ali brincavam quatro crianças.

A fumaça fez cara de quem encontrou o que queria. E ficou ouvindo a conversa.

– Vamos inventar uma brincadeira nova? Já estou cansado deste jogo.

Quem falava era um menino que tinha jeito de chefe do grupo. E, de fato, todos só o chamavam de Chefe, embora seu nome fosse Roberto.

Por ser um pouco mais velho e ter ótimas ideias para aventuras, os outros às vezes o deixavam chefiar as brincadeiras. E acabara com aquele apelido.

Com sua irmã Teresinha, Roberto estava passando as férias na chácara dos primos, Helena e Luisinho.

– Que tal se fôssemos brincar no rio? – propôs Helena, que não gostava de ficar parada.

– Tenho uma ideia melhor – disse uma voz.

– Quem foi que falou? – perguntaram todos ao mesmo tempo.

Só viram uma fumaça azulada. Mas Teresinha, que era uma grande ledora de contos de fadas, não demorou a perceber que aquela fumaça era mágica. Logo notou que tinha a forma de um menino, mais ou menos do tamanho deles.

– Quem é você?

Os outros, que também já tinham percebido tudo, vieram correndo olhar de perto o menino.

– Podem me chamar de Soprinho. É como os meus amigos me chamam.

– Por quê?

– Porque tenho mania de soprar. E, quando sopro em alguém, a pessoa fica logo impossível. Enquanto não sai para fazer descobertas, não sossega.

– Que interessante! – disse Helena, que estava gostando muito de Soprinho.
– E você sopra em toda gente?

– Não. Só nas pessoas com quem simpatizo. Por exemplo, naquela senhora que está fazendo tricô perto da janela eu não sopro nem que me paguem.

– E em nós, Soprinho, você sopraria? – perguntou Luisinho.

– Claro! Vim aqui para isso.

Os meninos ficaram entusiasmados.

– Então sopra logo, Soprinho! – pediu Helena. – Estou louca para saber onde iremos parar!

– Que acham de uma viagem ao Bosque Encantado que fica aqui atrás da chácara?

– Encantado? – perguntou o Chefe. – Esse bosque, aqui perto, não tem nada de encantado. É um bosque igual a qualquer outro.

– Claro que ele é igual a qualquer outro. Aí é que está. Não há bosque no mundo que não seja encantado. Mas nem todas as pessoas podem ver os encantamentos.

– Não diga! – gritou Luisinho, dando pulos de animação. – E que se deve fazer para poder ver?

– Entrar pela porta certa. Existem diversas maneiras de entrar num bosque, mas só se pode ver o encantamento dele entrando pela porta encantada.

– E como achar essa porta, Soprinho? – perguntou Teresinha.

– Eu mostro. Mas com uma condição: vocês não ensinem nada para aquela senhora.

Todos riram da implicância dele com a tia Mariana, que ajudara a criar Helena e Luisinho e era tão pacata.

– Está certo, Soprinho. Não ensinaremos – prometeu o Chefe. – Mas quando poderemos partir?

– Agora mesmo. É só eu soprar que vocês ficarão leves e rápidos como o vento. E sem esperar resposta, deu uma boa soprada em cada um.



– Pronto, daqui a pouco já estarão *levezados e rapidados*.

Soprinho às vezes tinha um modo de falar diferente de todo o mundo.

– Nesse caso, vamos logo – disse o Chefe.

Mas aí todos se lembraram que queriam levar alguma coisa. Helena, que era muito prática, achou que deviam levar uma sacola com alguns alimentos. Senão o que iriam comer no bosque? Teresinha não podia separar-se do livro de histórias que estava lendo. O Chefe queria ir com a mochila. Luisinho precisava do anzol de pescaria e, além disso, não dispensava o seu boné de estimação. Sem o boné, os passeios perdiam a graça para ele.

Foi preciso irem, um por um, lá dentro, na ponta dos pés. Afinal, acabados os preparativos, reuniram-se ao redor de Soprinho.

